

CLIPPING

24 de Novembro de 2018
O Liberal – Atualidades, 14

situaçã

“RESPEITAR A VIDA”

Sociedade deve aprender a rejeitar a DISCRIMINAÇÃO

CHAGAS - Racismo, homofobia e transfobia destroem a dignidade humana

TAINÁ CAVALCANTE
DA REDAÇÃO

“Respeitar a vida e a dignidade de qualquer pessoa sem discriminar ou prejudicar” é o primeiro dos seis princípios da cultura de paz estabelecido pelo “Manifesto 2000”. Apesar de instituído há tantos anos, o princípio é violado diariamente a ca-

No momento em que o jornalismo vive alguns dos seus dias mais difíceis, ter um jornal que chega a mais de sete décadas de existência é um alento e uma forma de tornar ainda mais presente, dentro da sociedade, a ideia de que a imprensa livre é a garantia de uma democracia plena. Parabéns a todos os que fazem O LIBERAL, e que buscam, no cotidiano do seu trabalho, contribuir para uma sociedade mais justa”

Felipe Gillet

Presidente em exercício do Sindicato dos Jornalistas do Pará

da atitude discriminatória, preconceituosa e misógina que se desdobra entre a sociedade.

Casos de racismo, homofobia, transfobia e intolerância religiosa, por exemplo, não são raros em nosso país. Um retrato disso é o depoimento do casal gerente do Espaço Art Ato, Maynara e Sebastian Santana. Ela, como mulher negra, e ele, como homem trans, eu não vou comprar, que eu só vou perguntar as coisas e não vou consumir e isso, sem dúvida, é porque sou negra”, explica ela, ao contar que o que mais enfrenta é o preconceito velado.

Sebastian também relata que sua vivência como homem trans é atravessada por inúmeras discriminações. “Eu ando na rua e as pessoas ficam olhando para o meu peito. É invasivo”, diz.

Para Maynara e Sebastian, a melhor forma de reagir “é ocupando os espaços e conscientizando as pessoas”. “Eu acho que a reação tem que ser de forma educada, de forma a despertar a consciência, porque se eu falar alto, gritando, a pessoa vai ficar com raiva e não vou comunicar o que quero”, afirma Maynara.

criaram um local colaborativo de resistência e relatam situações discriminatórias que já passaram, principalmente diante de suas especificidades de raça e gênero.

Segundo Maynara, o processo de discriminação racial pode ser identificado todos os dias, em gestos simples e complexos. “As pessoas não me atendem quando eu vou ao shopping, por exemplo. Elas acham que Sebastian complementa ressaltando que “educar as pessoas é o caminho, pois é necessário ter diálogo, mas também é importante que eles, os outros, estejam dispostos a ouvir e fazer uma autoanálise”.

Medidas urgentes

Professora da Universidade Federal do Pará (UFPA) e integrante da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) no Pará, a advogada Luanna Tomaz considera que “falar de enfrentamento ao preconceito, à discriminação e à desigualdade envolve um conjunto muito complexo de ações, porque isso repercute nas mais diversas esferas da vida”. Ela se ancora na afirmativa ao destacar, por exemplo, que “estudos mostram impactos desses atos até no ponto de vista da saúde mental das pessoas”.

Em virtude disso, segundo a advogada, “falar em enfrentamento exige ações complexas que mudem estruturas sociais que permitam a redução dessas dinâmicas, além de mudanças culturais, como o debate sobre questões de gênero e questões raciais na educação”. “É preciso que sejam feitas medidas estruturais, culturais, que possibilitem acesso a direitos. Ações afirmativas, como as cotas, são fundamentais, para garantir que essas pessoas tenham acesso a espaços que historicamente são cerceadas”, conclui.